

## **A Homossexualidade na TV como um Retrato da Cidade: Estudo Comparado entre as Representações do Novo Gay no Rio de Janeiro e em Los Angeles<sup>1</sup>**

Alessandro Paciello de Castro Bezerra<sup>2</sup>

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

### **Resumo**

O artigo aqui exposto pretende analisar duas obras de ficção televisiva – a série de TV estadunidense *Brothers & Sisters* e a telenovela brasileira *Fina Estampa* –, tendo como foco principal os personagens homossexuais representados nessas obras e os temas que marcam seu desenvolvimento nas tramas. A partir dessa análise, a pesquisa fará um estudo comparado entre as duas cidades produtoras das histórias – Rio de Janeiro e Los Angeles –, procurando mapear até que ponto a ficção atua como um espelho da realidade homossexual contemporânea.

### **Palavras-chave**

Geografias da Comunicação; Representação Social; Homossexualidade na TV; *Brothers & Sisters*; *Fina Estampa*.

### **Introdução**

Após a chegada de 2012, é cada vez mais coerente pensar que os conceitos e valores remanescentes do século XX – ainda muito presentes nos primeiros anos do novo milênio – já estejam com os dias contados. Entretanto, o que se percebe em determinados setores da sociedade poderia ser interpretado como uma eterna luta entre a autoafirmação das novas ideias de um lado, e, do outro, o esforço exaustivo dos modelos do passado para se manterem ainda válidos no presente. Não raras vezes, a disputa é vencida por este último, e um exemplo disso parece estar acontecendo com as representações dos homossexuais masculinos veiculadas nas telenovelas da Rede Globo.

Tendo estreado no dia 22 de agosto de 2011, a última novela apresentada no horário das 21 horas da TV Globo, *Fina Estampa*, mostrava quase que diariamente a seus telespectadores um personagem homossexual que fazia bastante sucesso com o público brasileiro. O mordomo Crodoaldo Valério (o “Crô”, interpretado por Marcelo Serrado) possuía trejeitos e tiradas cômicas que o faziam protagonizar os momentos mais hilários da trama de Aguinaldo Silva.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Geografias da Comunicação do XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Mestrando em Comunicação do PPGCOM/UERJ, email: [alessandro\\_castro@yahoo.com](mailto:alessandro_castro@yahoo.com)

Apesar de tamanha repercussão, personagens exageradamente afeminados e engraçados como o Crô não chegam a ser uma novidade nos folhetins da Globo. Somente no ano passado, a emissora da família Marinho exibiu pelo menos outros dois personagens com essas mesmas características: Roni (personagem de Leonardo Miggiolin em *Insensato Coração*, novela das 21h que antecedeu *Fina Estampa*) e Áureo (personagem interpretado por André Gonçalves em *Morde e Assopra*, novela das 19h). Ambos desfrutaram de grande aceitação pelo público, tendo o segundo alcançado uma popularidade ainda maior que a do primeiro.

As razões que levam personagens como Crô, Roni e Áureo a cáírem no gosto popular quase que instantaneamente não podem ser esclarecidas sob uma ótica determinista, já que diversos fatores (tais como o talento de cada ator e a qualidade do texto escrito pelo autor) parecem interferir nesse processo. Contudo, é possível identificar nas telenovelas brasileiras um padrão de representação dos homossexuais masculinos que, embora hoje em dia já introduza personagens *gays* menos caricatos (principalmente no horário das 21h), ainda tende a conservar os estereótipos construídos socialmente e reafirmados ao longo dos mais de 60 anos de existência da programação televisiva no país.

Em seu livro “*Cultural diversity and global media: the mediation of difference*”, a autora Eugenia Siapera trata da questão das representações:

O principal argumento é que a representação é construída *no e por meio do* discurso – o discurso é aqui entendido como linguagem não apenas como um sistema abstrato, mas como uso da língua, como a comunicação, tanto interpessoal quanto mediada. [...]. Do ponto de vista analítico, para compreender as representações mediadas de diferença cultural, precisamos descobrir seus antecedentes conceituais, suas “condições de possibilidade”, e esboçar as suas implicações, com o objetivo de contribuir para a construção de representações menos problemáticas. No entanto, a função de representação não é a de simples reprodução de imagens e discursos problemáticos, injustos e completamente racistas. Pelo contrário, ela tem que ser vista como uma forma condensada do valor simbólico da diferença cultural que circula através dos muitos canais de comunicação disponíveis. (SIAPER, 2010, p. 111-112. Tradução do autor)

Ao reconhecer a importância de se encarar as representações como a forma condensada dos valores simbólicos da diferença cultural, e não apenas a reprodução de imagens problemáticas da realidade, a autora defende uma conscientização maior de todos os envolvidos no processo de representação, sejam eles produtores ou consumidores. Da mesma forma, ela ressalta a importância de se compreender as “condições de possibilidade”, os antecedentes conceituais que permitem que as representações mediadas da diferença cultural sejam feitas de uma forma, e não de outra.

Este artigo pretende fazer um estudo comparado entre as representações televisivas dos homossexuais no Brasil e nos EUA, levando em conta justamente alguns aspectos culturais de ambos os países que fazem com que os personagens *gays* criados e interpretados aqui sejam, na maior parte das vezes, bastante diferentes dos de lá. No entanto, para que o estudo se baseasse em produtos televisivos de repercussão semelhante nos dois países, uma adaptação foi necessária: como a produção e o consumo de telenovelas no mercado estadunidense são irrelevantes se comparados aos de séries de TV, optou-se por utilizar este último tipo de produto no estudo, e não as tradicionais *soap operas*.

A série de TV escolhida como parâmetro comparativo de *Fina Estampa* foi *Brothers & Sisters*, uma produção que estreou em 2006, no canal ABC, e obteve sucesso quase que imediato, mantendo altos índices de audiência durante as três primeiras temporadas e apresentando alguns sinais de desgaste somente nas duas últimas. Na trama, o personagem Kevin (vivido pelo ator galês Matthew Rhys) é um homossexual assumido para a família e, a partir da segunda temporada, se envolve com Scotty (Luke Macfarlane), com quem posteriormente se casa e adota um filho. Nenhum dos dois apresenta características daquilo que poderia ser considerado um “*gay típico*”, o que contrasta bastante com o personagem Crô, de *Fina Estampa*, como será visto nas próximas páginas.

A escolha de *Brothers & Sisters* levou em conta não apenas o sucesso da série nos EUA, mas também sua rápida inserção no mercado brasileiro, por meio do canal de TV a cabo Universal Channel. E esse caráter de exportação também é percebido nas telenovelas brasileiras. Se, aqui, as séries estadunidenses encontram telespectadores assíduos e cada vez mais acostumados ao modelo de teledramaturgia feito por eles, o mesmo pode se dizer das nossas telenovelas quando são exportadas para o mercado internacional, principalmente o latino-americano. No que se refere às representações dos homossexuais masculinos, pode-se dizer que alguns modelos específicos e distintos entre si têm sido adotados pelos polos produtores estudados neste trabalho (Rio de Janeiro e Los Angeles) e são esses modelos que têm sido difundidos internacionalmente, graças ao sucesso mundial dos produtos dos quais fazem parte.

Em linhas gerais, é disto o que trata este artigo. Nas páginas seguintes, serão feitas descrições de cada uma das obras analisadas aqui, embasadas pelo arcabouço teórico que se revelar pertinente ao que a pesquisa se propõe a estudar.

### ***Fina Estampa*: o reforço do estereótipo e a homofobia brasileira**

Escrita por Aguinaldo Silva e dirigida por Wolf Maia, a última telenovela das 21 horas da Rede Globo, *Fina Estampa*, estreou no dia 22 de agosto de 2011, atingindo imediatamente altos índices de audiência, como mostra uma matéria do site UOL publicada no dia seguinte:

O primeiro capítulo da novela de Aguinaldo Silva teve 41 pontos de média com picos de 44. O *share* foi de 57%, número que garantiu que, dentre dez televisores ligados, praticamente seis acompanhavam o início dos conflitos de Griselda (Lília Cabral) e Tereza Cristina (Christiane Torloni). [...]. Comparando os índices de estreia, "Fina Estampa" bateu "Insensato Coração" e "Passione". Os dois folhetins antecessores registraram 37 pontos de média no primeiro capítulo. (UOL Notícias, 23/8/2011).

Na trama de *Fina Estampa*, o ator Marcelo Serrado vivia o mordomo Crodoaldo Valério (apelidado de Crô pela maioria dos personagens da novela), braço direito da vilã Tereza Cristina (Christiane Torloni), a quem costumava chamar sempre, em tom de adoração, de “Rainha do Nilo”, “Ptonisa de Tebas” e outras referências egípcias. Fisicamente, Crô era um homem na faixa dos 35, 40 anos, de corpo esbelto e cabelos castanhos, com um penteado impecável que mantinha a base de gel e muitas “ajeitadas” com uma das mãos, numa espécie de tique de afetação que acabava sendo uma de suas marcas registradas. Ao observarmos seu vestuário, podemos dizer que Crô era um mordomo cosmopolita e contemporâneo, pois parecia ter abandonado de vez os trajes clássicos de sua categoria profissional, optando por vestir cores claras (geralmente branco, azul e rosa) realçadas por modelos de roupa bastante sofisticados e modernos, além de portar acessórios igualmente estilosos (ver anexo 1).

A única personagem de *Fina Estampa* que possuía algum parentesco com Crô era sua sobrinha Vanessa (Milena Toscano), com quem dividia uma casa modesta localizada em uma área menos privilegiada da Barra da Tijuca. Nesse mesmo local, dentro da privacidade de seu quarto, o mordomo vivia um romance com um homem misterioso, cuja identidade era mantida em segredo até mesmo para sua sobrinha, não tendo o telespectador nenhuma pista de quem seria o tal sujeito a não ser por uma tatuagem de escorpião que ele trazia estampada no pé direito.

No seu dia a dia, enquanto não estava atendendo aos caprichos da patroa, Crô costumava passear com Dolce e Gabana (cães de Tereza Cristina da raça maltês) no calçadão da praia da Barra da Tijuca. Durante esses passeios, piadas e provocações envolvendo sua sexualidade eram bastante comuns entre os fortões que praticavam vôlei de praia ali diariamente, numa clara demonstração de rejeição aos trejeitos e à maneira de ser

de Crô de um modo geral. Voltando à mansão da patroa, o mordomo se via vítima, muitas vezes, das agressões verbais do motorista da família, Baltazar (Alexandre Nero), um homem machista, que batia na esposa e proibia a filha de namorar. Entre os nomes utilizados por Baltazar para desqualificar Crô em sua sexualidade estavam “baitola”, “veadinho”, “bicha” e “gazela”, xingamentos estes aos quais o mordomo parecia não dar importância, mantendo sempre o bom humor e exagerando nos gritinhos e afetações que lhe garantiam muitas cenas engraçadas e sua conseqüente simpatia junto ao público.

Após esse rápido resumo do papel de Crô na novela *Fina Estampa*, é fácil perceber o quanto a obra de Aguinaldo Silva parecia apelar para a caricatura ao representar o mordomo de forma tão estereotipada. Sobre essa questão do estereótipo, Siapera cita Walter Lippmann ao explicar:

Em 1922, Walter Lippmann, na tentativa de explicar como a democracia deveria funcionar, e por que frequentemente ela não o faz, se referiu às “figuras nas nossas cabeças”, as imagens mentais cujas bases nós apreendemos e agimos sobre o mundo. Na maior parte das vezes, essas figuras nas nossas mentes são abstrações generalizadas, versões simplificadas passadas a nós pela nossa cultura. E porque elas são repetidas ao longo do tempo, porque elas são tão penetrantes, elas adquiriram uma estrutura rígida e são resistentes à mudança. [...] Para Lippmann, embora os meios tradicionais de disseminação de estereótipos ainda estejam presentes, as imagens mediadas massivamente são bem mais influentes na propagação dos estereótipos porque elas já fornecem imagens que podem ser armazenadas nas nossas memórias e evocadas sempre que necessário. (SIAPER, 2010, p. 113. Tradução do autor).

Como podemos ver, personagens como Crô (e, antes dele, um sem-número de outros, como o Áureo, de *Morde e Assopra*, e o Roni, de *Insensato Coração*) contribuem significativamente para a construção de um imaginário daquilo que “é” ou “deveria ser” um homossexual masculino dentro da cultura brasileira (e, por que não dizer, latino-americana, uma vez que nossas telenovelas são consumidas avidamente por esse mercado também). Mas esse tipo de “abstração generalizada” ou “versão simplificada” do que é ou deixa de ser um homem *gay*, embora sirva como um facilitador para o entendimento do telespectador (ao fornecer-lhe imagens com as quais ele já está acostumado), também limita bastante o grande leque de possibilidades de representações dos homossexuais, colaborando, a médio e longo prazos, para a eterna disputa entre os gêneros e o fortalecimento da homofobia.

Em *Gay Macho: the life and death of the homosexual clone*, o sociólogo Martin P. Levine realiza uma pesquisa de campo, no final da década de 1970, com o objetivo de traçar o perfil dos homossexuais da cidade de Nova Iorque. Em sua tese, concluída em 1984

e baseada nessa mesma pesquisa de campo, ele cita o papel masculino tradicional sintetizado pelo psicólogo Joseph Pleck:

No papel masculino tradicional, a masculinidade é validada, em última análise, pela força física individual e a agressão. É esperado que os homens não sejam emocionalmente sensíveis aos outros, ou emocionalmente expressivos, ou autorreveladores, principalmente de sentimentos de vulnerabilidade e fraqueza. Paradoxalmente, raiva e outros tipos de expressões emocionais impulsivas, especialmente se dirigidas a outros homens, são esperadas e toleradas. O macho tradicional prefere a companhia de outros homens à companhia das mulheres, e enxerga nos outros homens os primeiros validadores de sua masculinidade. (PLECK, 1981, p. 140-41 In: LEVINE, 1998, p. 13. Tradução do autor).

Não é difícil percebermos que Crô, assim como tantos outros personagens homossexuais da teledramaturgia brasileira, foge completamente do padrão de masculinidade tradicional construído culturalmente ao longo de muitos séculos. Com seu gestual extremamente delicado, sua voz quase feminina e sua sensibilidade à flor da pele, seria fácil classificá-lo como o modelo exatamente oposto ao descrito por Pleck. Encaradas dessa forma, figuras como Crô contrastam bastante com os papéis estipulados socialmente para os gêneros masculino e feminino, e é justamente essa diferença, que grita aos olhos de qualquer observador, o que acaba servindo de pretexto para agressões físicas e verbais sofridas por esses indivíduos. Em *Fina Estampa*, elas são representadas, principalmente, pelas piadas dos fortões do vôlei de praia e pelos xingamentos que o chofer machista Baltazar direciona quase que diariamente a Crô. Já na vida real, elas estão presentes nos mais diversos meios e nem sempre são muito claras. No entanto, suas manifestações mais violentas têm ganhado espaço na mídia nos últimos anos.

Um exemplo recente dessa violência possivelmente motivada por preconceito sexual aconteceu no dia 13 de fevereiro de 2012, no Aeroporto Internacional Antônio Carlos Jobim, no Rio de Janeiro. Na ocasião, um casal *gay*, ao se recusar a utilizar os serviços de táxi pirata local, começou a ser xingado pelo grupo de taxistas com palavras que desqualificavam sua condição homossexual. Em seguida, a dupla foi vítima de socos e pontapés dados por esse mesmo grupo, como mostraram as imagens gravadas pelas câmeras do aeroporto e a entrevista do vendedor Cristiano Damasceno, um dos agredidos, ao RJTV do dia seguinte.

Em *Homofobia: história e crítica de um preconceito*, o ítalo-argentino Daniel Borrillo, professor de Direito da Universidade de Paris X – Nanterre, explica como a intolerância à diversidade de sexualidades depende, inicialmente, da existência de uma sociedade que valoriza o homem/ser masculino em detrimento da mulher/ser feminino:



A homofobia é inconcebível sem que seja levada em consideração a ordem sexual a partir da qual são organizadas as relações sociais entre os sexos e as sexualidades. [...] Essa ordem sexual, ou seja, o sexismo, implica tanto a subordinação do feminino quanto a hierarquização das sexualidades, fundamento da homofobia; por conseguinte, a evocação constante da superioridade biológica e moral dos comportamentos heterossexuais faz parte de uma estratégia política de construção da normalidade sexual. [...] O cristianismo, ao acentuar a hostilidade da Lei judaica, começou por situar os atos homossexuais – e, em seguida, as pessoas que os cometem – não só fora da Salvação, mas também e, sobretudo, à margem da Natureza. O cristianismo triunfante transformará essa exclusão da natureza no elemento precursor e capital da ideologia homofóbica. (BORRILLO, 2010, p. 30).

Entretanto, seria equivocado afirmar que a institucionalização da lei mosaica no ocidente foi o único causador do atual estado de repulsa às práticas homossexuais e às mais diversas manifestações de existência desse grupo. Ao longo da história moderna, diversos discursos foram sendo construídos de forma a assegurar que a homossexualidade mantivesse seu caráter de anomalia. Um desses discursos foi o da própria medicina, como mostram os escritos do perito médico-legal Ambroise Tardieu, de 1857, publicados originalmente em 1995, na *Collection Mémoires du corps*, e citados na obra de Borrillo:

[...] o pederasta transgride a higiene e a limpeza, além de ignorar a lustração que purifica. A própria morfologia permite seu reconhecimento: a configuração das nádegas, o relaxamento do esfíncter, o ânus afunilado ou, então, a forma e a dimensão do pênis confirmam a filiação à nova espécie. Monstro na nova galeria dos monstros, o pederasta mantém uma estreita relação com o animal; em seus coitos, ele evoca o cão. Sua natureza acaba por associá-lo ao excremento; ele vai à procura do fedor das latrinas. (TARDIEU, 1995 In: BORRILLO, 2010, p. 66).

Décadas mais tarde, o foco dos estudos médicos sobre a homossexualidade vai, aos poucos, deixando de ser meramente biológico para recair no universo psíquico do sujeito que não se adéqua à norma heterossexual. Sendo assim, a psicanálise passa a ser o referencial no que diz respeito às explicações das *causas* da homossexualidade e das diferenças supostamente existentes na configuração mental dos sujeitos ditos *invertidos*. Esse caráter de desajuste é facilmente percebido na obra *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, publicado originalmente em 1905, no qual Sigmund Freud, o pai da psicanálise, escreve trechos como o seguinte:

Os **invertidos** mostram ainda um comportamento variado no juízo que fazem da **peculiaridade** de sua pulsão sexual. Alguns aceitam a **inversão** como algo natural, tal como os **normais** aceitam a orientação de sua libido [...]. Outros, porém, rebelam-se contra o fato de sua **inversão** e a sentem como uma **compulsão patológica**. (FREUD, 2002, p. 15. Grifos do autor).

Como vemos, o discurso homofóbico vem sendo construído e reiterado no decorrer dos séculos, e seus criadores vêm das mais diferentes áreas do saber humano. Entretanto,

nem sempre foi assim. Na Antiguidade Clássica, relações homossexuais eram vistas com certa naturalidade, muitas vezes fazendo parte de rituais iniciáticos dos jovens atenienses (*eromenos*), como bem descreve Richard Sennet em *Carne e pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental*:

A relação erótica uniria dois jovens, um deles pouco mais velho que o outro, ou um rapaz e um adulto, que tivessem se conhecido nos torneios e jogos. Era o macho mais velho – *erastes* – que conquistava o mais jovem – *eromenos*. Em geral, a diferença de idade entre eles evidenciava-se por características sexuais secundárias particulares, como os pelos do corpo e da face, embora fosse indispensável que o mais moço tivesse pelo menos uma altura adulta para ser cortejado. (SENNET, 2010, p. 47).

Ao compararmos a antiga Atenas com o Rio de Janeiro de 2012, há que se concordar que muita coisa mudou de lá para cá. No que se refere à homofobia presente em *Fina Estampa*, podemos perceber que ela não deixava de ser o retrato de um fenômeno social presente não só no Rio de Janeiro (cidade que acumulou as funções de produtora e cenário da novela), mas no país como um todo, uma vez que situações como a do aeroporto carioca, descrita anteriormente, costumam acontecer também nas calçadas da Avenida Paulista e em tantas outras localidades espalhadas pelo Brasil.

A questão homofóbica brasileira, longe de se resumir apenas à violência física sofrida por homossexuais em função de sua orientação sexual, é um problema que mereceria maior detalhamento neste trabalho. Contudo, dada a escassez de páginas que normalmente caracteriza um artigo científico, não poderemos nos estender mais sobre esse assunto aqui.

Após essa breve descrição da novela brasileira – e do contexto geográfico e social no qual ela está inserida – veremos, a seguir, como a representação dos homossexuais costuma ser feita nas séries de TV estadunidenses e de que forma tais representações contrastam com a realidade do nosso país.

### ***Brothers & Sisters: a legitimação dos gays na família estadunidense***

No dia 24 de setembro de 2006, estreava nos EUA uma nova série dramática de TV chamada *Brothers & Sisters*, escrita por Jon Robin Baitz e Ken Olin. A série era produzida pelo canal ABC e tinha no elenco a veterana Sally Field (conhecida do grande público desde que protagonizara o seriado *A Noviça Voadora*, no final dos anos 1960), Calista Flockhart (que havia estourado na década anterior na série de comédia *Ally McBeal*), além de outros nomes menos cotados. Em seu episódio de estreia, assim como nas três primeiras



temporadas, *Brothers & Sisters* atingiu níveis respeitáveis de audiência, como mostra a matéria do *The New York Times* do dia 26 de setembro de 2006:

Jeffrey S. Lindsay, um porta-voz da ABC, disse que a rede estava “extremamente satisfeita”. Ele observou que *Brothers & Sisters* foi o programa estreante de maior audiência entre as pessoas de 18 a 49 anos até agora nesta temporada, e que sua audiência era comparável à de *Grey’s Anatomy*, na sua estreia em março de 2005. (*The New York Times*, 26/9/2006. Tradução do autor).

Como o próprio título sugere, *Brothers & Sisters* narra os dramas dos Walker, uma família de classe média alta de Los Angeles composta de um casal de quase 60 anos de idade, seus cinco filhos adultos (três homens e duas mulheres) e o tio deles, irmão da matriarca, interpretada por Sally Field.

Os problemas dos Walker começam a aparecer quando, logo no primeiro episódio da série, William, o patriarca da família, morre de um infarto fulminante. A partir daí, alguns segredos escondidos dos filhos vêm à tona e os irmãos e irmãs Walker precisam aprender a lidar com sua nova realidade.

Segundo mais novo entre os irmãos, Kevin Walker (interpretado pelo ator galês Matthew Rhys) é um advogado bem-sucedido que trabalha em um escritório no centro de Los Angeles. Desde o início da série, fica claro para o telespectador que Kevin é um homossexual assumido tanto no âmbito familiar quanto no trabalho. Entretanto, essa certeza não se dá por causa de seu vestuário ou trejeitos – já que, nesse sentido, o personagem poderia passar facilmente por heterossexual –, mas sim pelo conteúdo dos diálogos trocados com membros de sua família, que parecem aceitar com bastante naturalidade a orientação sexual de seu irmão/filho.

Fisicamente, Kevin é um homem branco, de estatura média, em torno de 30 anos de idade e corpo esbelto. Em alguns episódios das cinco temporadas de *Brothers & Sisters*, ele aparece levantando pesos na academia, surfando com os outros dois irmãos e, pelo menos em um dos episódios, protagoniza uma cena de luta em que agride o ex-amante de seu marido. Também é revelado, já nas temporadas finais da série, que um rapaz que Kevin agredira quando criança havia ficado permanentemente impossibilitado de andar, e que, devido a isso, seus pais vinham ajudando financeiramente a família dele desde então.

Com relação ao vestuário, Kevin costuma usar terno e gravata no ambiente de trabalho e traje esporte fino (geralmente calça e camisa social ou suéter) em seus momentos de lazer. Ao contrário de Crô, nenhum acessório chamativo ou tradicionalmente tido como feminino parece fazer parte de seu guarda-roupa, assim como sua voz, modo de falar e de se

portar não refletem nenhuma afetação que poderia ser considerada como um comportamento típico do sexo oposto ao seu.

Todos esses elementos reunidos nos fazem crer que, apesar de homossexual, Kevin não abdicou do papel masculino tradicional descrito no item anterior. Sobre essa questão da masculinidade presente em homens *gays*, Levine explica:

Todos os homens na nossa cultura, independentemente da orientação sexual deles no futuro, aprendem o papel de gênero masculino e o roteiro sexual, principalmente porque nossa cultura carece de um processo de socialização antecipatória para a homossexualidade adulta. Encarando o amor homossexual como uma aberração repugnante, os agentes de socialização preparam todos os jovens para a masculinidade heterossexual. Como qualquer outro homem, meninos pré-homossexuais passam por esse treinamento. Famílias, escolas e igrejas ensinam todos os meninos, inclusive aqueles que mais tarde se tornam *gays*, como ser viris. (LEVINE, 1998, p. 11-12. Tradução do autor).

De acordo com esse pensamento, é possível entender por que os autores da série optaram por retratar Kevin dentro dos mesmos padrões de masculinidade que seus irmãos, uma vez que quase todo homem, seja ele homo ou heterossexual, recebe o mesmo tipo de educação voltada a corresponder ao modelo masculino vigente.

Na primeira temporada de *Brothers & Sisters*, o foco da história de Kevin se dá na sua vida amorosa turbulenta, já que o advogado parece ter dificuldades para estabelecer relacionamentos duradouros. Desde o início da série, todas as cenas em que Kevin aparece beijando algum de seus amantes ou namorados são mostradas com naturalidade e sem cortes, contrastando bastante com todo o mistério que envolve as conquistas amorosas de Crô, de *Fina Estampa*, e o tabu que se tornou a exibição (ou não) do beijo *gay* na televisão brasileira (ver anexo 2).

A partir da segunda temporada, um antigo *affair* de Kevin que chega a aparecer em alguns episódios da primeira – o *chef* Scotty – se torna seu namorado, e os dois acabam se casando em uma cerimônia realizada na residência dos Walker, em Pasadena, durante a terceira temporada da série.

Já na quarta temporada, com o relacionamento já solidificado, Kevin e Scotty decidem adotar uma criança, fato este que recebe o apoio dos Walker e acaba sendo consumado ao trazerem para a família Olivia, uma menina de 10 anos de idade. Mais tarde, o casal teve Daniel, fruto de inseminação artificial.

A aparente naturalidade com que é encarada a homoparentalidade na Los Angeles de *Brothers & Sisters* contrasta com a relativa dificuldade da sociedade brasileira de encarar esse novo arranjo familiar como algo legítimo. Em *Adoção para homossexuais*, o juiz Luiz

Carlos de Barros Figueirêdo, professor da Escola Superior de Magistratura do Estado de Pernambuco, chama a atenção para a invisibilidade da questão nos diversos setores da sociedade:

Existe a homossexualidade. Existem preconceitos fortíssimos. Existem pais e mães homossexuais com filhos, biológicos ou adotivos. Não se trata de seres de outros planetas ou de um problema distante, e sim de algo presente em cada cidade, em cada esquina, em cada família. É uma crueldade contra a espécie humana tentar retirar o tema da agenda de discussão e deixar de se buscar soluções que atendam a todas as partes envolvidas. Não se trata de “lixo”, e muito menos de se varrer para debaixo do tapete, mas de vidas humanas que merecem respeito e dignidade. (FIGUEIRÊDO, 2011, p. 25).

Ainda sobre o tema da homoparentalidade, as autoras Mariana de Oliveira Farias e Ana Cláudia Bortolozzi Maia, no livro *Adoção por homossexuais: a família homoparental sob o olhar da psicologia jurídica*, explicam quais são os diversos tipos de preconceitos que entram em cena quando se fala no assunto:

As maiores preocupações da sociedade em relação ao fato de um casal homossexual criar uma criança é o medo de que este abuse sexualmente da criança, que a orientação sexual desta seja influenciada pelo comportamento homossexual de seus pais ou que elas corram maiores riscos de terem problemas no desenvolvimento psicossocial. [...]. As pesquisas mostram que não há relação entre a homossexualidade e o abuso sexual com crianças. [...]. Se a orientação sexual dos pais influenciasse a dos filhos, nenhum homossexual poderia ter sido concebido e educado dentro de um modelo heterossexual de família. [...]. No que diz respeito ao desenvolvimento psicossocial de crianças que vivem em lares cujos pais/mães são homossexuais, os estudos em Psicologia mostram que não há diferenças entre o desenvolvimento apresentado por essas crianças e por aquelas que convivem com pais/mães heterossexuais. (FARIAS e MAIA, 2009, p. 69-70).

Em se tratando da realidade californiana, no entanto, a família homoparental já é totalmente reconhecida nesse estado, sendo permitido que homossexuais casados ou solteiros possam adotar uma criança e ter sua dupla paternidade reconhecida na certidão de nascimento dela. Sendo assim, a história de Kevin e Scotty, em *Brothers & Sisters*, parece um retrato tão fiel da realidade onde a trama é ambientada quanto pode ser, como nos mostra o quadro a seguir, tirado do *website* da Lambda Legal, uma organização fundada em 1973 com o objetivo de defender a igualdade de direitos de gays e lésbicas nos EUA:

---

### Em seu Estado: Califórnia

---

#### Leis Estaduais de Parentalidade

---

**Quem pode adotar** Qualquer adulto. Código de Família §§ 8600, 8601.

---

**Adoções de genitor** Expressamente permitidas em todo o estado por Sharon S. v. Suprema Corte, 31 Cal. 4º 417 (2003). O estatuto também permite adoções por padrasto/madrasta em caso de

---

---

## Leis Estaduais de Parentalidade

---

parceiros domésticos registrados.

---

### Notas

A lei estadual utiliza os mesmos pressupostos de parentalidade para adultos em relações de mesmo sexo ou de sexos diferentes que tenham e/ou criem filhos juntos, e também bane a discriminação por orientação sexual e identidade de gênero contra pais em potencial LGBT em processo de adoção.

---

(Tradução do autor)

Como podemos perceber, pelo menos em termos legais, a realidade retratada em *Brothers & Sisters* parece estar mais próxima de uma igualdade de direitos conquistados pelos homossexuais do que aquela mostrada em *Fina Estampa*, o que talvez seja um dos fatores que fazem com que as representações desse grupo produzidas na maior rede de TV brasileira sejam bem diferentes daquelas feitas pela maior rede de TV dos EUA.

## Considerações finais

A pesquisa aqui exposta procurou, inicialmente, descrever dois personagens homossexuais fictícios veiculados em dois programas televisivos distintos do Brasil e dos Estados Unidos da América.

Os programas aqui utilizados – a telenovela brasileira *Fina Estampa* e a série de TV estadunidense *Brothers & Sisters* –, embora de formatos diferentes, tinham o mesmo nível de sucesso e audiência em seus respectivos países, o que se revelou pertinente para o desenvolvimento deste estudo comparado.

Ao observarmos o personagem Crodoaldo Valério (Marcelo Serrado), de *Fina Estampa*, pudemos perceber que muitos dos estereótipos relativos aos homossexuais, construídos ao longo dos anos pelos diversos tipos de discursos presentes na sociedade brasileira, foram reafirmados na novela de Aguinaldo Silva. Com todos os seus trejeitos afetados, seus acessórios cor de rosa e sua autorreferência feita quase sempre no feminino, o carioca Crô parece mostrar não apenas aquilo que o telespectador brasileiro *imagina* que seja um homossexual do sexo masculino, mas também o tipo de representação que esse mesmo telespectador *quer ver* de um homem *gay*.

Junto com a patroa Tereza Cristina, (Christiane Torloni), Crô compunha um pequeno núcleo de personagens de *Fina Estampa* que caíram no gosto popular, tendo seus bordões repetidos em conversas de escritório, em reuniões de família e em outros agrupamentos sociais igualmente relevantes. Com tamanha repercussão positiva, não é de

se estranhar que esse tipo de personagem seja uma constante nas telenovelas da Rede Globo, parecendo mudar apenas de nome e de horário em que é exibido.

A vida sexual e afetiva de Crô era experimentada de forma discreta, quase clandestina, não tendo o telespectador e nem os outros personagens da novela a menor ideia de quem eram seus amantes, a não ser pela pista do escorpião tatuado no pé direito. Embora o cultivo do mistério em torno da identidade das conquistas de Crô fizesse parte da trama, também pudemos interpretar a ausência de cenas mais explícitas de afeto entre eles como mais um sintoma da intolerância do telespectador brasileiro de TV aberta a esse tipo de imagens (teoria esta corroborada pela não exibição, até hoje, de cenas de beijo protagonizadas por dois homens).

Nas suas relações com os outros personagens de *Fina Estampa*, Crô muitas vezes sofria ataques de intolerância sexual ao ser chamado por nomes tradicionalmente utilizados para desqualificar e agredir os homossexuais, o que, mais uma vez, pareceu se tratar de uma representação da realidade carioca, já que, recentemente, um incidente com consequências ainda piores envolveu um casal homossexual no Aeroporto Antônio Carlos Jobim, no Rio de Janeiro.

Por outro lado, e já bem acima da linha do Equador, o advogado Kevin experimentava uma aparente aceitação de sua homossexualidade por parte dos outros personagens de *Brothers & Sisters* e da sociedade de Los Angeles como um todo. Ao longo das cinco temporadas da série, não foi exibida nenhuma cena de agressão física ou verbal que tivesse tido como estopim sua condição homossexual.

Sob todos os aspectos, pode-se dizer que Kevin é um homem essencialmente masculino. Tanto o vestuário quanto o comportamento e a profissão do personagem nos fizeram crer que, ao contrário de Aguinaldo Silva, os autores de *Brothers & Sisters* optaram por retratar um homossexual que não tivesse abdicado dos papéis de masculinidade tradicionais construídos pela sociedade ao longo dos anos. Assim como Crô, Kevin não é o único exemplar de sua espécie na teledramaturgia de seu país, uma vez que outros personagens homossexuais totalmente livres de estereótipos são constantemente representados nas séries de TV dos EUA.

A vida afetiva e sexual de Kevin é vivida de forma aberta, tanto para o telespectador quanto para os outros personagens da série. Manifestações de carinho e cenas de beijo entre ele e Scotty são constantes, não tendo sido notado, nas cenas de afeto entre os dois, nenhum tipo de tratamento diferenciado dos outros casais da trama. Nas últimas temporadas da

série, Kevin e Scotty se casam, adotam uma criança e têm um filho por inseminação artificial, com a ajuda de uma mãe de aluguel (o que pudemos comprovar que se trata de algo totalmente possível para a realidade judiciária californiana a qual *Brothers & Sisters* se propõe a retratar). Ao observarmos a realidade brasileira (tanto a jurídica quanto a teledramatúrgica), pareceu pouco provável que semelhante trajetória de um personagem *gay* fizesse sucesso entre o grande público daqui.

Por tudo isso, é possível concluirmos que, ao menos no que diz respeito às representações dos homossexuais masculinos, a teledramaturgia brasileira ainda tem um longo caminho a percorrer até chegar aos moldes daquilo que atualmente é praticado na TV estadunidense. Como possíveis pontos a serem explorados em trabalhos futuros de mesma temática, pareceu relevante investigar se esse novo modelo de representação dos *gays* (o que privilegia a criação de homossexuais sem nenhum traço feminino e que mantém uma relação monogâmica, na qual, quase sempre, a adoção de uma criança se torna o desfecho perfeito), que está tão em voga nos EUA, é apenas o retrato de uma situação cada vez mais corriqueira naquele país, ou se, na verdade, também é fruto de uma tentativa de legitimação dos homossexuais diante da moral predominantemente protestante da sociedade norte-americana.

### Referências bibliográficas

- BORRILLO, Daniel. **Homofobia: história e crítica de um preconceito**. Belo Horizonte: Autêntica. 2010.
- FARIAS, Mariana de O. e MAIA, Ana Cláudia B. **Adoção por homossexuais: a família homoparental sob o olhar da psicologia jurídica**. Curitiba: Juruá Editora. 2009.
- FIGUEIRÊDO, L.C. de B. **Adoção para homossexuais**. Curitiba: Juruá Editora. 2011.
- FREUD, Sigmund. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. Rio de Janeiro: Imago. 2002.
- LEVINE, Martin P. **Gay Macho: the life and death of homosexual clone**. New York: New York University Press. 1998.
- SENNET, Richard. **Carne e pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental**. Rio de Janeiro: Best Bolso. 2010.
- SIAPER, Eugenia. **Cultural diversity and global media: the mediation of difference**. Oxford, 2010.
- TARDIEU, A.-A. **Étude médico-légale sur les attentats aux mœurs**. Grenoble: Éditions Jérôme Millon, 1995. Collection Mémoires du corps. In: BORRILLO, Daniel. *Homofobia: história e crítica de um preconceito*. Belo Horizonte: Autêntica. 2010.



## Outras referências

DVD *Brothers & Sisters* (da 1ª a 5ª temporada). Distribuidora: Walt Disney.

Página de *Fina Estampa* do website da TV Globo. Disponível em:  
<http://tv.globo.com/novelas/fina-estampa/>. Acessado em: 3/3/2012.

Reportagem e entrevista com Cristiano Damasceno no RJTV. Disponível em: <http://youtu.be/DU-bcp3enfc>. Acessado em 7/3/2012.

*The New York Times online*. Disponível em:  
[http://www.nytimes.com/2006/09/26/arts/television/26brot.html?\\_r=1&scp=2&sq=abc+brothers+%26+sisters+ratings&st=nyt](http://www.nytimes.com/2006/09/26/arts/television/26brot.html?_r=1&scp=2&sq=abc+brothers+%26+sisters+ratings&st=nyt). Acessado em: 8/3/2012.

UOL Notícias. Disponível em: <http://natelinha.uol.com.br/noticias/2011/08/23/estrea-de-fina-estampa-tem-altos-indices-no-ibope-114154.php>. Acessado em: 3/3/2012.

Website do canal ABC. Disponível em: <http://abc.go.com/search?search=brothers+and+sisters>. Acessado em: 4/3/2012.

## Anexos 1 – Fina Estampa (Tereza Cristina e “Crô”)



## Anexo 2 – *Brothers & Sisters* (Kevin e Scotty)

